



Solfejando a História: Um olhar histórico sobre as canções interpretadas por Neide Maria Rosa (1950-1994)

Virginia Calazans Ribeiro Acosta¹

Resumo: Neide Maria Rosa, cantora negra de origem pobre. Muito talentosa, foi levada pela cantora Elizeth Cardoso na década de 60 para o Rio de Janeiro, onde conquistou rapidamente uma promissora carreira artística, porém quando estava no auge do reconhecimento resolveu retornar a sua cidade natal Florianópolis, onde permaneceu cantando até sua morte em 1994. Iniciou sua carreira com 14 anos em uma rádio local, e seguiu para o Rio de Janeiro em 1964, ano da instauração da ditadura militar. Nesse período conviveu e foi voz de muitos compositores que sofreram perseguições pelo governo ditador. Várias são as composições desses, que traziam letras que foram arma de luta, canções essas interpretadas por Neide. A cantora conviveu com o racismo estrutural por muito tempo em Florianópolis. Em 1968 Neide gravou seu primeiro compacto, o samba de Pixinguinha com letra de Hermínio Bello de Carvalho, “Protesto, Meu Amor”, onde canta “bem que podiam ao menos se lixar pra essa coisa de cor ... negro é o coração quando em desamor reparem Deus jamais discriminou..”. Na sua caminhada profissional outras canções sobre o racismo foram encontradas. A pesquisa problematiza de que maneira, as canções selecionadas e interpretadas por Neide Maria Rosa, sofreram influência dos acontecimentos históricos, sociais e culturais no Brasil. Além de mostrar como a música pode ser ferramenta de luta e resistência em uma sociedade.

Palavras-chave: Mulher Negra; Música; Racismo; Ditadura.



¹ Graduada em História pela UDESC e em Música pela Universidade Clarentiano. Mestranda em História pela UDESC. (virginia.ribeiro66@gmail.com)

Neide Maria Rosa (Foto do Acervo da Casa da Memória de Florianópolis)

Esse artigo é um apanhado da pesquisa de mestrado em história pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, que está em desenvolvimento, focando sua maior parte em um dos capítulos que já está concluído e trata do racismo e sua relação com a cantora Neide Maria Rosa. Tendo como objeto as canções interpretadas pela mesma, bem como sua trajetória profissional e pessoal. A investigação tem como problemática a seguinte questão: De que forma as canções interpretadas pela cantora tem influências históricas, sociais e culturais?

Em 1936, mais precisamente em 11 de Abril, nascia em Florianópolis, a cantora Neide Maria Rosa. De família humilde e negra, Neide era filha do Sr. Erico do Rosa Prado, funcionário da imprensa oficial que tinha o hábito de presentear os filhos com livros, talvez esse foi um dos motivos de ter despertado em Neide a sensibilidade para artes, já que a literatura é uma modalidade artística. Sua mãe, a Sra Marta Barbosa da Rosa, dona de pensão, doceira e cozinheira ajudava assim nas despesas da casa, já que a família era composta por nove filhos.

A artista começou cedo nas artes, com apenas 14 anos iniciou apresentando-se em programas de calouros nas Rádios Guarujá e Diário da Manhã. Na época muitos cantores iniciaram suas carreiras assim. Logo em seguida foi contratada pela Rádio Guarujá, além de locutora ela foi radioatriz e começou a se destacar como tal, fazendo vários personagens ao mesmo tempo, em uma mesma novela. Contudo Neide se destaca enormemente cantando. Com uma voz de muito volume, com tessitura de uma contralto, ela era detentora de uma voz rara e bela.

Foi na década dos anos 1960 quando Eliseth Cardoso veio a Florianópolis para um show, que as duas se conheceram. Nesta época Eliseth, já era uma artista muito conhecida e respeitada no Brasil. Neide como fã que era foi recepcioná-la no aeroporto. E dali nasceu uma grande amizade. Ao perceber que Neide era detentora de uma linda voz, Eliseth a convidou para seguir para o Rio de Janeiro, já que no período era a cidade que mobilizava as produções e nomes artístico da época. Se tornava difícil ficar conhecida no país vivendo na pacata Florianópolis. Mas Neide custou a tomar a decisão, foram idas e vindas até que ela se estabeleceu no Rio e lá ficou vivendo com sua amiga e Eliseth.

No Rio de Janeiro a artista conviveu com grandes artistas, amigos que eram frequentadores da casa de sua madrinha. Nomes como Pixinguinha, Cartola, Hermínio Bello de Carvalho, entre outros. A partir deles e suas composições Neide participa de vários festivais, como: II Festival Internacional da Canção, no Rio de Janeiro, 1967, que ocorreu no Maracanãzinho. Nesse a cantora interpretou duas músicas: Canto de Despedida, de Edu Lobo e Capinam e Terral, de Paulo Gustavo Constanza, ambas as músicas foram classificadas, mas não foram premiadas. Porém ela ficou em segundo lugar como melhor interprete, perdendo para Milton Nascimento. Outro evento importante foi a Bienal do Samba, promovido pela TV Record em São Paulo, que ocorreu em maio 1968, Neide participou com a música Protesto, meu amor, de Pixinguinha e Hermínio Bello de Carvalho, mesmo que classificada a música não foi premiada. Porém a artista gravou a música no mesmo ano em um compacto pela gravadora Mocambo. Ainda em 1968, ela participou do Festival de Música de Juiz de Fora em Minas Gerais, patrocinado pela prefeitura local e pela TV Excelsior. As apresentações foram no Cinema Teatro Central, ela defendeu Culpas, Desenganos de Maurício Tapajós e Hermínio Bello de Carvalho, e ganhou como melhor intérprete (CORONATO, 2010, p. 110-114).

Além dos festivais Neide Maria Rosa, começou a fazer grandes shows em locais reconhecidamente famosos como: Sala Cecília Meirelles na Lapa, Café Teatro Casa Grande no Leblon, Arena clube de Arte em Copacabana e no Copacabana Palace onde fez por uma temporada grande com o show Sua Excelência, o Samba. Nesse período que ela viveu no Rio de Janeiro, participou de vários programas de rádio e TV. Em 1971, quando Neide já estava prestes a ser tornar uma artista reconhecida nacionalmente ela resolve voltar para sua cidade e aqui ficou cantando até 1994 quando faleceu de câncer. Em entrevista com Maximiliano Rosa², irmão de Neide, ele nos relata que o retorno foi por saudades, e que a artista queria era cantar, não era pretensão de ela ser uma estrela reconhecida, ela desejava cantar, não importava se era em Florianópolis ou no Rio de Janeiro.

Em toda sua carreira Neide cantou muito. E no desenvolvimento da pesquisa encontramos em arquivos da Casa da Memória de Florianópolis as mais diferentes peças e com temas variados. Além dos sambas românticos que são muitos, chegamos a canções voltadas a desigualdade social, racismo e política. Observa-se assim que a

² Entrevista concedida a Virginia Calazans Ribeiro Acosta, em 17/07/2023, Florianópolis.

artista estava atenta aos acontecimentos a sua volta e tinha uma preocupação em cantar tais temas, inclusive no período que incluía um governo ditatorial.

Quando em Florianópolis, desde sua infância e juventude, ela conviveu com a segregação racial na cidade. Pensar sobre o contexto histórico da cidade é bem importante nesse momento. Percebemos isso no convívio social da população presença do racismo. A começar pelos clubes, segundo Ricardo Medeiros (2005), negros e brancos viviam em frequentes tensões no seu cotidiano. Os clubes eram divididos, sendo que os negros iam ao Clube 25 de Dezembro ou ao Clube 15 de Novembro. Já a elite branca frequentava o Lira Tênis Clube ou o Clube Doze de Agosto, além desse também existia o Clube Concórdia que era frequentado por brancos mais pobres. Por uns anos Neide foi “lady crooner”³ no clube Doze de Agosto, num período onde a política de associados continuava racista. Também havia os “footing”⁴, onde negros e brancos tinham espaços separados para suas paqueras, assim coloca Maria das Graças Maria:

Da rua Felipe Schmidt até a frente da Confeitaria do Chiquinho ficavam os jovens da elite branca. Da rua Arcipreste Paiva, ao lado da Catedral, passando pela calçada da Praça XV de Novembro e pela calçada do Palácio do Governo, em direção à Praça Fernando Machado circulavam os jovens negros, enquanto a parte interior da Praça XV era o lugar destinado às jovens prostitutas. (MARIA, 1997, p. 128).

Percebe-se também além dos espaços ao ar livre haviam espaços demarcados dentro da própria igreja católica. Desde o século XIX, com a fundação em Florianópolis, da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito dos Homens Pretos, os negros acabavam direcionados a essa igreja para sua adoração.

Além disso, a Florianópolis vivida por Neide foi aquela que passou por transformações urbanas, identificadas por um discurso higienista, onde focava o progresso e modernidade, que beneficiava uma elite branca local. Muitas casas foram desapropriadas no centro da cidade pelo poder público baseado num discurso sanitaria que não estavam de acordo com os padrões de higiene e estéticas exigidos. (MULLER, 2002).

É nesse ambiente de segregação que a cantora, nasceu e cresceu, e muito possivelmente a motivou a cantar sobre o racismo. Assim encontramos no seu repertório

³ Cantora

⁴ Espaços de paquera onde brancos e negros tinham locais separados

músicas como Protesto, Meu amor (Pixinguinha e Hermínio Belo de Carvalho), Pobre Morro (Gilberto Barcellos), Preconceito Racial (Zininho), Magia do Morro (Zininho), Homenagem a Princesa (Zinho), entre outras canções que trazem letras de queixas contra o racismo. A seguir apresento uma das músicas mais marcantes da carreira de Neide, visto que a canção foi gravada em compacto como já mencionado aqui, Prostesto, Meu Amor:

Deixa de lado essa gente que se vê desconhece o amor /Não foi a toa que um dia assim clareou derramando esperança em nós /Bem que deviam ao menos se lixar pra essa coisa de cor /Negro é o coração quando em desamor reparem Deus jamais discriminou /Negro é o coração quando em desamor reparem Deus jamais discriminou /Eu sou mais eu quando falo e ti proclamo no mais alto som /Há tanto cego que teima e não vê este sol que não é de um só sabes bem /E o que for contra eles tu podes crer não será bom pra nós /Posso ti provar, basta comparar pois branco e negro aqui é quase um só /Ver meu olhar tão acesso foi o sol clareando que entrou /A poesia sobrando ai diz pra que tanta guerra e desconsolação /Vim sem bandeira nem farda, o meu verso porém é um fuzil /Soldado eu não sou, mas vou batalhar /Protesto meu Amor e vou falar /O poder da flor é que vai vingar o resto Deus então vai ajeitar! (PIXINGUINHA, CARVALHO, 1968).

Observamos que a letra mostra uma história de amor que não pode ser vivida porque uma das partes do casal estava chateada pelo racismo por parte da sociedade. Entende-se que o autor se refere a um casal de diferentes etnias, um negro e outro branco. Um deles encara essa situação como uma batalha a ser vencida, e que está disposto a protestar e lutar pelo seu amor. A música é composição de músico negro, no caso Pixinguinha e como letrista temos Hermínio Belo de Carvalho que apesar de ser um homem branco tem vários amigos negros, e possivelmente se vê incomodado com o racismo.

Outra canção gravada por Neide foi Pobre Morro de 1968, música de Gilberto Barcellos que fez parte de uma coletânea no LP Isso É Músicanossa, do movimento musical Músicanossa, que ocorreu no Brasil nos anos 1960, onde fazia parte cerca de trezentos nomes, muitos deles conhecidos como: Milton Nascimento, Paulo Sérgio Vale, Taiguara, Beth Carvalho, Paulinho Tapajós, Roberto Menescal, Jonhy Alf, entre outros. (CORONATO, 2010).

Morro tu és esquecido quase o ano inteiro/Morro a se não fosse o carnaval de fevereiro/Morro onde o sambista leva a sério o compromisso de ver a escola desfilar/E trazer para glória da sua favela o primeiro lugar, deixa o morro cantar! /Morro tu és esquecido quase o ano inteiro/Morro a se não fosse o carnaval de fevereiro/Morro onde

o sambista leva a sério o compromisso de ver a escola desfilar/E trazer para glória da sua favela o primeiro lugar./Toda tristeza se esvai na alegria /De ver teu sonho transformado em realidade./Nego tão simples trabalhador da cidade/Agora artista deslumbrando a sociedade/É Carnaval ele é destaque da platéia internacional/Mostrando em cor, encanto, luxo e riqueza/Toda magia do samba/Nasci lá no morro com sua pobreza/Morro onde o sambista leva a sério /o compromisso de ver a escola desfilar /E trazer para glória da tua favela o primeiro lugar!/E trazer para glória da tua favela o primeiro lugar! (BARCELLOS, 1968).

O tema de Pobre Morro é uma crítica social relacionada ao pobre e negro morador do morro. A letra nos mostra a vida difícil do negro morador do morro durante todo o ano, e que só é enaltecido no carnaval. Como se o carnaval fosse o único momento que o negro poderia ser feliz, o momento que ele esquece todo sofrimento, pobreza e abandono. A letra traz uma poesia com rimas alternadas, que se formam entre versos pares e os versos ímpares.

O compositor Zininho foi parceiro profissional de Neide Maria Rosa, e compôs muitas músicas para ela interpretar. Ele mostrava evidente insatisfação com o racismo, e percebe-se isso nas suas composições. Em entrevista com sua filha Cláudia Barbosa⁵ ela nos relatou sobre Neide e o pai:

(...) dentro do repertório da Neide, ta muito presente a questão racial, sempre foi uma questão muito presente, muito importante, tanto na escolha do repertório da obra da Neide, quanto nas músicas de meu pai também (...) acho que muito por eles terem sido criados na comunidade, uma comunidade negra, ali do Morro da Caixa, o pai, a Neide nasceu ali na Rua Menino Deus, o pai também bebê foi morar ali, eles cresceram naquela comunidade, e essa questão do preconceito racial sempre foi uma questão muito, muito, muito séria, uma coisa que sempre feria, de uma forma muito forte o meu pai sabe (...).

A música Preconceito Racial, de Zininho, evidencia todo seu sentimento em relação a insatisfação do compositor em relação ao racismo, e foi encontrada na voz da cantora nos arquivos da Casa da Memória de Florianópolis:

Quando a princesa assinou a Lei Áurea/Concedendo a abolição/O negro chorou de alegria /Era o fim da escravidão /Mas ainda hoje o negro sofre desse mal /Que é o preconceito racial/Mas ainda Mas ainda hoje o negro sofre desse mal que é o preconceito racial!/Nego não tem coração/Tem coração sim senhor/Nego não ama também/Ama também sim senhor/Se o nego morre na guerra /Nego também tem valor/A diferença do nego está somente na cor/Vamos acabar de uma vez com esse mal /Que é o preconceito racial!/Vamos

⁵ Entrevista concedida a Virginia Calazans R. Acosta, em 08/08/2023, Florianópolis

acabar de uma vez com esse mal /Que é o preconceito racial!
(ZININHO, Década 1960).

A canção *Homenagem a Princesa Isabel*, também do mesmo compositor novamente nos evidencia a preocupação de Neide e seu compositor em protestar sobre a questão, convém salientar o contexto da composição da música, trazendo a ideia da Princesa Isabel como um mito, como heroína, já que era o que ensinava nas escolas naquele período.

A canção *Magia do Morro*, composta também pelo compositor Zininho, da década 1960, também fazia parte do repertório de Neide. Foi interpretada por outros cantores da cidade de Florianópolis, ficou muito conhecida entre as composições do poeta. A letra apesar de não trazer nenhuma crítica direta ao preconceito racial mostra um lado do Morro desconhecido do branco.

Quem subir lá no morro vai ver a magia que o morro tem, /Ah, quem
subir lá no morro/vai ver a magia que o morro tem/Vai ver cabrocha
gingando, vai ver a roda./Vai ver cabrocha gingando, vai ver a roda de
bamba/Vai ver a vida passando na cadência bonita do samba./E vai
ver também o que é que o morro tem /Que malandro não troca com
ninguém/Que malandro não troca com ninguém/Ah e vai ver também
o que é que o morro tem /que malandro não troca com ninguém.
(ZININHO, década de 1960).

A letra apresenta uma espécie de magia, como se o morro fosse algum incomum, pois trazia a cultura preta, o samba, a dança, as rodas de samba, a alegria. Fala de um personagem “malandro”, que não gostava de trabalho formal, mas sempre se vira pra sobreviver. Mostra um morro como um local agradável diferente do que normalmente se imaginava, como uma local de pouca infraestrutura e pobreza.

Apesar de que Neide tenha vivido nesse contexto anos mais tarde ela foi reconhecida tardiamente nas manifestações da cidade, e a artista foi ancestralizada. Ela teve grande participação no carnaval da cidade. Cantava marchas e ranchos carnavalescos, foi puxadora de Escolas de Samba. Participou de concursos de fantasia e desfilou em várias escolas de Samba, foi também jurada em carnavais. Ainda viva foi homenageada em bloco carnavalesco. Quando completou 10 anos de sua morte foi tema da Escola de Samba Consulado do Samba, com o enredo Uma Rosa para Neide Maria

Rosa. Também em 2002 Neide ficou eternizada, pois começou a fazer parte do Berbigão do Boca⁶.

Toda essas questões de racismo vivido no período de Neide nos remete ao conceito de Racismo no pensamento de Lélia Gonzalez, onde diz que: o racismo, enquanto construção ideológica é um conjunto de práticas que passou por um processo de perpetuação e reforço após abolição da escravatura, na medida em que beneficiou a determinados interesses (GONZALEZ, 2020).

Ou seja, o racismo em realidade é uma construção com intenção de constituir práticas com finalidades claras de benefício a um só grupo, no caso o branco obviamente. Cruzando a esse conceito Gonzalez traz a questão da interseccionalidade, busca compreender os problemas sociais amplos e estruturais e as dinâmicas desses problemas, isso a partir de múltiplos eixos que fazem a exploração de indivíduos. Percebemos através dessa ideia, que no caso da mulher negra se encontram dois tipos de desigualdade, de gênero e racial. Pensando sobre Neide vemos que além de gênero, raça há a desigualdade social, visto que veio de família humilde, conclui-se que essa questão da interseccionalidade como colocado por Gonzalez, estava inserida na vida da cantora e das suas experiências.



Foto de Neide Maria Rosa, no Rio de Janeiro, (acervo da Casa da Memória de Florianópolis)

⁶ Bloco de bonecos que simbolizam personalidades da cidade, feitos de argila com a cabeça com fibra de vidro que desfilam no carnaval de Florianópolis.

Durante os anos que estive no Rio de Janeiro a cantora conviveu com grandes nomes, como foi comentado acima, num período de opressão a música foi alvo de muitas perseguições. Os artistas eram muito visados, mas Neide foi muito corajosa e levou para seu show músicas de diferentes temas. Muitas dessas músicas são composições de artistas que eram bem observados pelo DOPS⁷, já que muitos deles tiveram músicas censuradas, como Pixinguinha, Cartola, Hermínio Belo de Carvalho, Edu Lobo, Capinam, Taiguara entre outros.

Segundo Maximiliano Rosa⁸, irmão de Neide, quando estava no Rio de Janeiro, ela teve muitos shows cancelados por conta dos locais de apresentação. Muitos desses shows eram em locais visados pela polícia, e os proprietários perseguidos, vistos como subversivos.

Sobre essa questão política e a vontade de Neide cantar o que desejava falar, lembramos da ideia de “hegemonia cultural da esquerda”, trazida pelo historiador Marcos Napolitano, que conseguiu se manter durante todo o regime ditatorial, possibilitando com isso a solidificação da indústria cultural e também a configuração da memória, assim não permitindo que o regime não montasse uma memória positiva em relação ao golpe de 1964 (NAPOLITANO, 2014).

Mesmo dentro dessa situação insegura a cantora seguiu cantando, e cantou o que não poderia falar. Uma dessas canções ficou conhecida na música brasileira, que faz referência a lei de anistia aos que foram perseguidos pela política e traz a ideia da volta a democracia no país: “O bêbado e o equilibrista” de 1979, composta por Aldir Blanc e João Bosco, que ficou famosa na voz de Elis Regina, mas também fazia parte do repertório de Neide.

A música foi para Neide Maria Rosa, objeto de luta e resistência. Observa-se que a cantora sofreu influências de suas experiências de vida e transportou essas para seu repertório. Através da música ela expressou sua preocupação com as desigualdades sociais, racismo e política. Não teve medo de possíveis reprovações e desejava mostrar a todos sua indignação pela maneira que o povo era tratado.

Referências

⁷ Departamento de Ordem Política e Social.

⁸ Entrevista concedida a Virginia Calazans Ribeiro Acosta. Florianópolis, 17/07/2013.

CORONATO, Vívian de Camargo. Neide Maria Rosa (Marianrosa) Uma (bio)grafia entre Neides, Marias e Rosas. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes. Florianópolis, 2010, (pg. 110-114)

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje. Anpocs. p.223-244. 1984.

_____. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. In: RIOS, Flávia; RATTS, Alex. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2020.

_____. Lugar de Negro/ Lelia Gonzales e Carlos Hasenbalg – Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982

MARIA, Maria das Graças. Imagens Invisíveis de Áfricas Presentes. Experiências das Populações Negras no Cotidiano da Cidade de Florianópolis (1930-1940), Florianópolis, 1997. Dissertação (Mestrado em História) Curso de Pós- Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina.(pg. 128)

MEDEIROS, Ricardo. A recepção de rádonovelas em Florianópolis no período dos anos 1960. In: XVIII congresso Brasileiro de ciências da Comunicação. NP 06 Rádio e Mídias Sonoras, 2005.

MULLER, Gláucia Regina Ramos. A influência do urbanismo sanitaria na transformação do espaço urbano em Florianópolis, FLORIANÓPOLIS, 2002.Dissertação (Mestrado em Geografia) Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina.

NAPOLITANO, Marcos. 1964: História do Regime Militar Brasileiro. São. Paulo: Contexto, 2014. (pg.45)

_____. Coração civil: arte, resistência e lutas culturais durante o regime militar brasileiro (1964-1980). Tese de Livre-Docência em História do Brasil Independente, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

_____. História& Música. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. MPB: a trilha sonora da abertura política (1975/1982) Estudos avançados 24 (69), 2010.

REFERÊNCIA DAS MÚSICAS:

BARCELLOS, Gilberto, Pobre Morro. In: Neide Marianrosa, LP, Isto é músicanossa:Brasil, LP 50.005, Artistas Unidos, 1968.

PINXIGUINHA, CARVALHO. H.B. Protesto, Meu Amor. In: Neide Marianrosa, Compacto, AU Artistas Unidos, 1968.

ZININHO, Homenagem a Princesa. Florianópolis:, In: Neide Marianrosa, Casa da Memória de Florianópolis, Audio 1242, Lado A.

_____, Magia do Morro. Florianópolis: In: Neide Marianrosa, Casa da Memória de Florianópolis, Audio 1243, Lado B.

_____, Preconceito Racial. Florianópolis: In: Neide Marianrosa, Casa da Memória de Florianópolis, Audio 1244, Lado A.

ENTREVISTAS:

BARBOSA, Cláudia. Entrevista cedida a Virginia Calazans Ribeiro Acosta. Florianópolis, 08/08/2023.

ROSA, Maximiliano. Entrevista cedida a Virginia Calazans Ribeiro Acosta. Florianópolis, 17/07/2013.